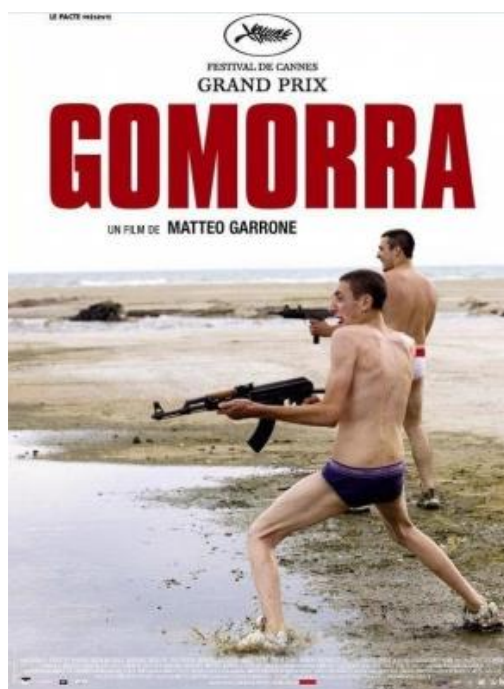


TELA CRÍTICA



O Retrato de uma Geração Perdida

Análise crítica do filme “Gomorra”, de Matteo Garrone (2008)

Ana Celeste Casulo¹

O filme “Gomorra” de Matteo Garrone, foi baseado no livro homônimo de Roberto Saviano. Este filme traz o retorno triunfal do estilo neorrealista do cinema italiano, mas com características de um certo naturalismo – por exemplo - à la Aluizio de Azevedo (não do ponto de vista do erotismo, tal como foi descrito no romance “O cortiço” do escritor brasileiro, mas um naturalismo que expõe de maneira crua, a violência urbana. Podemos dizer: um naturalismo que se vê às volta com o Real lacaniano.

¹ Ana Celeste Casulo é psicóloga e psicanalista.

TELA CRÍTICA

O Real para Lacan corresponde aquilo que se apresenta como o que é indizível e insuportável - por exemplo, a morte e a barbárie social. A violência crua e nua no filme “Gomorra”, adverte-nos que a vida não é um valor para o capital; e muito menos, para a sociedade burguesa apodrecida, dirigida pelo modo de produção capitalista. Ao contrário do que parece, o filme de Garrone não vai falar das “máfias” italianas, mas sim, expor nas suas vísceras, o atual modo de funcionamento da sociedade burguesa na Itália pós-Operação “Mãos Limpas”.

A carnificina na cena inicial do filme, promovida entre as máfias napolitanas, é uma espécie de advertência para os atos subsequentes do enredo. O filme Gomorra narra uma história entrelaçada com cinco histórias, construindo-se tal como peças de um impressionante mosaico estampando a imagem de uma geração perdida: a geração de jovens abandonados pelo Estado italiano, juventude pobre da periferia de Nápoles entregues às máfias e em última instância, às grandes corporações industriais e seus negócios escusos. No mundo dos negócios capitalistas que organizam um território devastado e degradado nas periferias da metrópole, legalidade e ilegalidade se confundem, gerando as bases para a produção e reprodução da miséria fortemente marcada pela precariedade existencial e subjetiva.



O filme conta a história de pessoas simples, sem muitas pretensões, mas que estão tentando sobreviver diante de uma realidade social precária num ambiente urbano abandonado, no qual as pessoas precisam - dentro dos limites impostos às suas existências - sobreviver. De alguma forma, essas pessoas vêm sendo, ora incorporados pela máfia e a indústria do tráfico de drogas e prostituição; ora pelas corporações empresariais de

TELA CRÍTICA

negócios (lixo industrial tóxico e indústria da *houte couture*). Os negócios capitalistas – não importando sua natureza – mantêm-se ligados por meio da articulação do sistema que aparece como uma enorme máquina de “moer gente”, obrigando as pessoas a se submeterem a trabalhos extremamente precários e penosos, ou então, obrigando-as a se transformarem em empregados da máfia. A grandiosidade e sutileza de Matteo Garrone está em expor a indiferenciação entre o crime (o ilícito) e as corporações capitalistas (o lícito) que funcionam quase em harmonia, complementando-se mutuamente como sendo a forma de metabolismo social da barbárie.



O filme “Gomorra” conta a história de trabalhadores que operam na legalidade e ilegalidade, ou ainda, na formalidade e informalidade, confundindo entre si, de modo que não sabemos identificar os limites entre ambos. Por exemplo, Garrone sinaliza esse limite do legal e ilegal/formal e informal, ao mostrar a emboscada sofrida por Pasquale (Salvatore Cantalupe), o estilista e costureiro de alta moda, que resolve vender “livremente” sua força de trabalho para uma empresa concorrente pertencente ao empresário chinês Xian (Ronghua Zhang), mas que sofre um atentado pela máfia napolitana que protege o empresário local. Matteo Garrone põem em xeque a ideologia liberal do livre mercado, do Estado mínimo e das liberdades individuais, expondo a partir do filme, os “furos” ideológicos da sociedade burguesa.

Para os cientistas sociais, a “alienação” é o conceito utilizado para falar de sujeitos humanos que, alheios a si próprios, tornam-se servos de atividades e instituições sociais, sofrendo pressões econômicas, sociais e ideológicas que reduzem a sua capacidade, enquanto sujeitos, de pensarem por si próprios. O processo histórico inerente à sociedade

TELA CRÍTICA

capitalista, caracterizado por transformações produtivas e mudanças nas relações sociais e na própria subjetividade humana, assujeitam homens e mulheres - cada vez mais - ao caráter inanimado, quantitativo e automático, dos objetos-mercadorias circulantes no mercado. As mercadorias que assujeitam as pessoas estão revestidas por um fenômeno social e psicológico (o fetichismo da mercadoria) que aparentam ter vontade independente de seus produtores. A sociedade capitalista é uma sociedade alienada e reificada, isto é, dominada pelo fetiche da mercadoria.

No decorrer do filme, as histórias vão sendo contadas de modo que os sujeitos vão se anulando em relação as suas subjetividades. Por exemplo, estamos diante de uma “não-escolha” para a juventude pobre, engolida pelo crime organizado (a máfia) ou pelo mercado de trabalho precário. Na verdade, fazer parte da máfia é uma questão de sobrevivência. Estar com uma das máfias significa se posicionar contra a outra máfia. Escolher não trabalhar para as máfias significa, para a maioria, ser incorporado como força de trabalho barata pelas empresas, tal como observamos no caso do costureiro Pasqualle, hábil artesão da moda, que estava sem receber horas extras e com salários defasados; ou tal como o menino Totó (interpretado por Salvatore Abruzzese), tentando sobreviver comercializando drogas ou realizando pequenas entregas para sua mãe; ou ainda, os motoristas de caminhões da empresa que transporta resíduos industriais tóxicos, com crianças sendo exploradas por essa mesma empresa quando os adultos se recusam a realizar o trabalho tóxico, tendo em vista os riscos inerentes a sua saúde, provocados por determinadas tarefas de seu trabalho (como, por exemplo, descarregar lixo tóxico em valas sem os devidos equipamentos de segurança).

TELA CRÍTICA



A força de trabalho superexplorada da juventude perdida é constituída por uma massa humana que não teve nenhum acesso à educação, a saúde, aos direitos básicos. Os motoristas que transportam o lixo tóxico e o costureiros-artesão do filme, constituem uma massa de trabalhadores com certo nível de formação e profissionalização, sendo a força de trabalho barateada e escravizada pelas corporações capitalistas que almejam lucros cada vez mais altos. Diante da exploração das corporações capitalistas só resta aos trabalhadores a informalidade, que se confunde com a ilegalidade, descrita pelo diretor (vale lembrar que o filme não é uma obra de ficção, mas a produção imagética de um livro produto de uma pesquisa “in loco” do jornalista, Roberto Salviano, que ocasionou seu exílio da Itália até o presente momento).

O filme “Gomorra” não teve a intenção de promover uma crítica do capitalismo ou do capital, mas de descrever a realidade das pessoas simples que vivem na situação de precariedade social extrema. Observamos no filme personagens solitários que se vem obrigados a ceder às pressões externas pelas tentativas de sobrevivência e as histórias de resistência são todas individuais, não representando saídas definitivas da situação, mas apenas se constituindo numa espécie de ganho de tempo pessoal, antes de se verem obrigados, a ceder a algum tipo de informalidade.

TELA CRÍTICA

O filme mostra a realidade das periferias das metrópoles alienadas da política e do próprio Estado como instituição de coesão social e ordem pública. Observamos uma população pobres entregue a informalidade e às leis do mercado. O filme também mostra a lógica da exploração do trabalho infantil em duas vertentes tanto pela máfia, quanto pelas grandes corporações sinalizando para a indissociação de ambas. A máfia aparece ligada ao mercado legal, ora protegendo o interesse das grandes corporações, ora financiando as grandes corporações inclusive da concorrência, eliminado fisicamente quem ousa concorrer com as mesmas.



A grande pergunta que permeia o filme “Gomorra” é: o que é *legal*; e o que é *ilegal*? Ao mesmo tempo, o filme responde, pois mostra como a lógica do capital vai costurando as duas fronteiras. Em nome do capital e da acumulação vai se construindo novas “éticas”, baseadas no compromisso da individualidade com a mera sobrevivência. As relações humanas no filme “Gomorra” estão esvaziadas, assim como os personagens do filme, cuja única preocupação é a *sobrevivência*. Os ideais ficam subordinados à realidade do consumo de mercadorias.

A questão do filme “Gomorra” é mostrar como funciona o metabolismo social da barbárie produzido pelo modo de produção capitalista, contribuindo para a *despersonalização* e

TELA CRÍTICA

massificação das subjetividades. Todavia, mesmo diante do processo de massificação das subjetividades, temos também resistências individuais e viradas subjetivas de alguns personagens colocados em situação-limites pela voz do Outro da máfia e ou corporações capitalistas: “Ou está com a gente ou contra a gente, não existe outro lugar!”. Essa voz *superegóica* corresponde à dimensão subjetiva constituída por um conjunto de normas sociais construídas em determinados períodos históricos e incorporadas de modo a se tornar constitutiva da dimensão inconsciente. Ela compõe a atmosfera angustiante e sufocante que permeia todo o filme. É importante compreender que não foi a máfia quem se infiltrou nas corporações, as quais, por sua vez, exigem menos Estado para que possa agir livremente; mas, sim, ambos - o “legal” e o “ilegal” - em algum momento, encontraram-se e se misturaram a tal ponto que se tornou impossível separá-los, tornando-se, deste modo, Uno.

O conceito de Uno foi retirado do texto “Parmênides” de Aristóteles e que corresponde àquilo que faz Um, mas que é constituído de uma multiplicidade de outras coisas - por exemplo, um livro é um conjunto de textos mais ou menos independentes, mas que são interligados, formando uma totalidade e se fazendo Uno. E o resultado desse encontro culmina no enfraquecimento do Estado.

Durante o filme “Gomorra”, a inexistência dos mecanismos de proteção social transformam as personagens em vítimas indefesas e ao mesmo tempo cúmplices da sua própria miséria, presas no desamparo, medo e esperança, configurando então a dialética do metabolismo social da miséria.

TELA CRÍTICA



A outra grande questão exposta no filme de Matteo Garrone é o problema da destruição ambiental, causada pelas grandes empresas capitalistas, que hoje constitui a grande questão da humanidade no século XXI, tendo como consequência a intensificação das mudanças climáticas e o desaparecimento de muitas espécies vivas - tanto animais quanto vegetais, além de pôr em risco a sobrevivência da própria espécie humana. A irresponsabilidade da grande empresa em relação ao descarte do lixo industrial tóxico que polui rios, mares e terras, deixa claro o descompromisso do modo de produção capitalista com a sustentabilidade do planeta e da saúde física e mental dos sujeitos que fazem parte da sociedade capitalista. O filme expõe a força da destrutividade do capitalismo sinalizando que *não* existe capitalismo sustentável ou capitalismo “com rosto humano”.

Talvez a destrutividade do sistema capitalista exponha sua face humana, mas é preciso, primeiramente, desmistificar o conceito de humanidade como algo sereno, bondoso, sendo necessário compreender a humanidade também em sua face da violência, e sobretudo da pulsão de morte, e esta última é o que torna o humano, humano, pois a pulsão de morte que corresponde o impulso para a destruição, é o elemento eminentemente humano produto das forças inconscientes presentes exclusivamente nos sujeitos humanos. Não existe pulsão de vida nem de morte nos animais apenas instinto de sobrevivência. Dessa forma podemos até arriscar a dizer que a violência do modo de

TELA CRÍTICA

produção capitalista expõe a face mais humana e obscura da humanidade como uma espécie de marca subjetiva da humanidade que, ao mesmo tempo que organiza e produz a vida, também mata e destrói em seu compromisso com a morte. Enfim, o modo de produção produziu a humanidade. Concluindo diríamos que o filme “Gomorra” vai expondo a violência social de forma caracteristicamente naturalista, mostrando com detalhes, a crueldade e a miséria social da Itália atual.

Referências:

PARMÊNIDES, *Sobre a natureza. Os Pré-Socráticos*. Seleção de textos e supervisão do prof. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (coleção: Os Pensadores)

LACAN, J. *...Ou pior*. O seminário, livro XIX. RJ: Zahar, 2012.

LACAN, J. *as psicoses*. O seminário, livro III. RJ: Zahar, 1988.

PLATÃO, *Parmênides*. Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2003

ALVES, G. *A condição de proletariedade, a precariedade do trabalho no capitalismo global*. São Paulo: editora Praxis, 2009.

ALVES, G. *Dimensões da Precarização do trabalho, ensaios de sociologia do Trabalho*, São Paulo, editorial práxis, 2013.